

**Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental**

A utopia compartilhada e o compartilhar como utopia

**A Educação Ambiental no
contexto de uma experiência
ecológica integral: a
Eco-Comunidade del Sur**



Ieda Maria Duval de Freitas

IEDA MARIA DUVAL DE FREITAS

ESTE DOCUMENTO FOI OBTIDO ATRAVÉS DO



**PROGRAMA
DE COMUTAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA**

CAPES/SESU/FINEP/IBICT

A UTOPIA COMPARTIDA E O COMPARTIR COMO UTOPIA.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DE UMA EXPERIÊNCIA ECOLÓGICA INTEGRAL

A ECO-COMUNIDAD DEL SUR

FURG-RS

Rio Grande, 2003

IEDA MARIA DUVAL DE FREITAS

A UTOPIA COMPARTIDA E O COMPARTIR COMO UTOPIA.
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DE UMA EXPERIÊNCIA ECOLÓGICA INTEGRAL
A ECO-COMUNIDAD DEL SUR

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Orientador: Prof. Dr. Aloísio Ruscheinsky

FURG-RS
Rio Grande, 2003

SAB/2
CHAM- TN598
REG - TN598
LOC - N
OBRA- RC000941.762

F866u Freitas, Ieda Maria Duval de
A utopia compartilhada e o compartilhar como utopia: a educação ambiental no contexto de uma experiência ecológica integral: a Eco-Comunidade del Sur/Ieda Maria Duval de Freitas. – Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2003. 211p.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2003.

1. Educação ambiental 2. Movimentos sociais 3. Ecologia social 4. Eco-comunidades I. Título

CDU 504:37
504.03

Catálogo na fonte: Profa. Enriqueta Graciela D. de Cuartas CRB/10-519

IEDA MARIA DUVAL DE FREITAS

***A UTOPIA COMPARTIDA E O COMPARTIR COMO
UTOPIA. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO
DE UMA EXPERIÊNCIA ECOLÓGICA INTEGRAL: A
ECO-COMUNIDAD DEL SUR***

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Prof. Dr. Alcísio Ruscheinsky
(FURG – Orientador)



Prof. Dr. Eva Lizety Ribes
(FURG)



Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves
(FURG)

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite
(UFMS)



AGRADECIMENTOS

Um mestrado é sempre uma tarefa árdua que exige de nós não apenas certas habilidades mas também muita vontade e determinação, ainda mais quando ele se realiza num momento da vida em que a carreira profissional já está de certa forma encaminhada, a família constituída.

A tarefa complica-se mais ainda quando, por característica própria, não conseguimos nos esquivar dos apelos que cotidianamente nos rodeiam. Pela disposição de fazer, as solicitações acabam surgindo de todos os lados. Assim, o ato de interromper e recomeçar acaba estabelecendo a própria dinâmica do trabalho que, ingenuamente, se idealizou. E toda a experiência vivenciada, ao longo desta trajetória, além de ter lugar importante no aprimoramento intelectual, ajudou-me, certamente, a ver e a entender o mundo e as pessoas com outras lentes.

Não poderia colocar um ponto final na dissertação sem antes lembrar das pessoas e instituições que, em diferentes momentos, contribuíram no desenvolvimento do trabalho.

À Biblioteca Nacional e ao Arquivo da Federação Anarquista Uruguaia (FAU), meu reconhecimento pelo apoio.

Ao Editorial Nordan, pela doação da coleção da *Revista Comunidad*, alguns números da *Relajo* e *Tierra Amiga*, bem como pelos folhetos, manifestos e material de divulgação produzido pela *Comunidad Del Sur*, meu agradecimento.

Agradeço a solidariedade e atenção dos amigos da *Comunidad Del Sur*, sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada, em especial a Ruben Prieto, por me fazer acreditar que um novo devir é possível, onde a solidariedade, a fraternidade, o pensar no outro não é mero discurso ou utopia quando realmente desejamos um mundo mais justo e igualitário.

A Laura, Silvana, Pablo, Carmem, Tomás, Walter, Zaia, Santiago, Erick, Bruno, Matteo e Adolfo que, mesmo absorvidos pelas tarefas cotidianas, arranjavam um tempo para a conversa e a discussão, meu afeto. Mesmo distantes, sempre próximos.

A Alfredo Martín, outro amigo que fiz durante este percurso e que pela convivência e proximidade guardo-o, onde se deve guardar um amigo, ou seja, no lado esquerdo do peito. E através dele, a novos amigos: Tininha e Luan.

Agradeço, sinceramente, a Márcia Helena G. Granada, companheira de trabalho, fiel escudeira, que em todos os momentos acompanhou-me com uma palavra de estímulo, apoio e confiança. E quero dizer ainda que a tenho mesmo como uma amiga.

A Maria Aparecida Reyer, ex-Secretária de Educação do Município de Rio Grande, meu reconhecimento e carinho pela confiança que teve no meu trabalho. Conseguiu me cativar, porque, acima de tudo, é uma daquelas raras pessoas para quem o outro importa.

Ao amigo Néelson Theodósio, com quem tive o privilégio de ter compartilhado projetos, sonhos e angústias. Amigo para sempre.

Meu reconhecimento e carinho ao professor Aloísio, que em todos os momentos temperou muito bem a necessidade da crítica acadêmica, acompanhada sempre de uma palavra de incentivo.

A professora Eva Lizety e ao professor Jussemar, que estiveram presentes na qualificação do projeto e que, com paciência e dedicação, pontuaram questões importantes no direcionamento da pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio Grande e a todos que, de uma forma ou de outra, se envolveram com o trabalho.

Ao professor José Vicente de Freitas, agradeço a compreensão e o estímulo (puxões de orelha). Sem o seu carinho e dedicação eu não teria "sobrevivido".

A Celina, por ter aturado ausências prolongadas. Meu amor e afeto.

A todos, agradeço de coração.

Para fins de registro, esclareço que o mestrado foi desenvolvido sem auxílio financeiro de bolsa de estudos.

Rio Grande (RS), março de 2003.

Ieda Maria Duval de Freitas.

Los dioses nacen cuando los hombres mueren. Mientras los hombres se tuvieron confianza no hubo necesidad de dioses, los hombres podían confiar su corazón y su mente a los otros hombres sin miedo ni engaño. Pero cuando los hombres se ocultaron para comer la fruta que a todos dio el campo, cuando los hombres acecharon a los hombres por el gusto de la mujer, cuando los hombres hicieron secreto de la oración que se dice en público, entonces nacieron los dioses. Por eso los dioses son tanto más poderosos, más crueles y más lejanos, cuanto mayor es la desconfianza que separa a los hombres de los hombres.

Toda vida verdadera es encuentro. (Martín Buber)



SUMÁRIO

LISTA DE ESQUEMAS	9
LISTA DE FIGURAS	10
RESUMO	13
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO	15
1 A CRISE AMBIENTAL-ECOLÓGICA CONTEMPORÂNEA: os indicadores e suas implicações, as origens e a emergência de uma nova metalidade ambiental	40
2 A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA DA VIDA ALTERNATIVA: da cultura <i>underground</i> aos novos movimentos sociais	72
3 UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE SER E FAZER: a trajetória da experiência da <i>Comunidade Del Sur</i>	91
3.1 O ato fundador	92
3.2 A consolidação da experiência	100
3.3 Anos de exílio	108
3.4 O fim do exílio e a construção do projeto <i>Eco-Comunidade</i>	117
4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: a formulação de um conceito operacional	120
5 UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUE SE CONSTITUI NO CONTEXTO DO PROJETO <i>ECO-COMUNIDAD DEL SUR</i>	139
5.1 <i>Eco-comunidade</i> : ações coletivas na concretização de uma outra forma de viver	153
5.2 O aporte da ecologia social	155

5.3	A estrutura do lugar: com os pés na terra e a busca de formas autogestionárias e solidárias	158
5.4	Na continuidade, a emergência de uma nova sensibilidade: alguns relatos	167
5.5	Uma proposta integral para aprender junto à natureza	170
5.6	Construindo interlocuções	174
5.7	Ecotopias e o centro de capacitação de jovens	177
5.8	Ecologia social, educação ambiental e utopia	180
6	CONCLUSÃO E DISCUSSÃO	185
7	BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	200
	ANEXOS	208



LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1	Conhecimentos e competências necessários à Educação Ambiental segundo a visão adotada na Conferência de Tbilisi (1977)	130
ESQUEMA 2	Diagrama de um programa de Educação Ambiental (baseado no utilizado por WWF-US)	182
ESQUEMA 3	Diagrama do programa interativo de Educação Ambiental assentado nas premissas da Ecologia Social	183

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	<i>Comunida del Sur</i> – Montevidéo (Uruguai). Início da década de 1970	107
FIGURA 2	Capa da Revista <i>Comunidad 50</i> , publicada em 1985. Editorial Nordan, Estocolmo	112
FIGURA 3	Bairro e Centro de Convivência Kapsylen. Estocolmo, Suécia	114
FIGURA 4	<i>Jornadas de Trabajo da Comunidad del Sur</i> , 1985. Estocolmo, Suécia	116
FIGURA 5	<i>Comunidad del Sur</i> . Casa-Encuentro. Montevidéo, 1987	117
FIGURA 6	Comunidade de Skogsnäs. Norte da Suécia, 1980	141
FIGURA 7	Desenho de Ruben Prieto ao concurso “Formas de Moradias Coletivas”. Promoção do Social-Förvaltning, Estocolmo/Suécia, 1981	146
FIGURA 8	Desenho de Martín Prieto: “Acostumbrados a Compartir”. Apresentado ao concurso “A Cidade do Futuro” promovido pelo Jornal Stockholms Tidningen (ST). Estocolmo, Suécia, 1982	147
FIGURA 9	Desenho de Alvaro Prieto: “Acostumbrados a Compartir”. Apresentado ao concurso “A Cidade do Futuro” promovido pelo Jornal Stockholms Tidningen (ST). Estocolmo, Suécia, 1982	148
FIGURA 10	<i>Comunidad del Sur</i> – Montevidéo. Refundação, 1987	152
FIGURA 11	Desenho de Ruben G. Prieto. Tema: Ecologia Social, 1988	158
FIGURA 12	Granja Ecológica <i>Comunidad del Sur</i> . Vista parcial do lugar	159

FIGURA 13	Eco-Sur. Entrada principal	159
FIGURA 14	Vista parcial das cabanas residenciais	159
FIGURA 15	Cabanas, estufas e mata nativa	159
FIGURA 16	<i>Comunidad del Sur</i> – Salão de eventos	160
FIGURA 17	Estufa onde se desenvolvem as sementes de hortaliças	160
FIGURA 18	Canteiros de hortaliças	161
FIGURA 19	Canteiros com variedades de hortaliças	161
FIGURA 20	Plantação de cereal forrageiro	161
FIGURA 21	Produtos destinados aos associados	162
FIGURA 22	Depósito de armazenamento dos produtos colhidos	162
FIGURA 23	Forno. Padaria da <i>Comunidad del Sur</i>	164
FIGURA 24	Trabalho de preparação de alimentos integrais	164
FIGURA 25	Cozinha coletiva da Comunidade. Ieda (pesquisadora) e Zaia (residente)	165
FIGURA 26	O comedouro	165
FIGURA 27	Sala de atividades lúdicas	169
FIGURA 28	Bruno. Exposição de desenho individual	169
FIGURA 29	Exposição de desenhos. Resultado da atividade de "Arte Livre"	169
FIGURA 30	Visita de alunos do ensino formal – Chegada	171
FIGURA 31	Recebendo informações sobre os ecossistemas	171
FIGURA 32	Conhecendo cultivo de hortaliças no sistema agro-ecológico	172
FIGURA 33	Atividade de sensibilização. Sala de uso coletivo da comunidade	172
FIGURA 34	Contato com processo alternativo de construção de moradias	172
FIGURA 35	Local de atividades lúdicas Granja Ecológica	173
FIGURA 36	Visita de agricultores a <i>Comunidad del Sur</i> . Diálogo sobre a agro-ecologia	174
FIGURA 37	Ecotópia de 1996. Reunião dos participantes do encontro	178
FIGURA 38	Ecotópia de 1996. Grupo de trabalho	180
FIGURA 39	Silvana na condução de um grupo de escolares visitantes	208
FIGURA 40	Detalhe da estufa principal	208
FIGURA 41	A pesquisadora na sala de atividades múltiplas	209

FIGURA 42	Em destaque: Silvana	209
FIGURA 43	Em destaque, Ruben Gerardo Prieto, um dos fundadores da <i>Comunidad Del Sur</i>	210
FIGURA 44	A pesquisadora e Ruben G. Prieto	210
FIGURA 45	Oficina de artesanato	211

RESUMO

Trata-se de uma investigação que estudou uma experiência cooperativa ecológica integral no Uruguai, em Montevideu, a denominada *Comunidad del Sur*. Buscou-se enfatizar, de forma particular, nos quadros daquela metrópole latino-americana, o processo de constituição e desenvolvimento desta experiência comunitária, procurando destacar as matrizes que inspiram o seu discurso e a sua prática, bem como intentou-se caracterizar suas diferentes fases, analisando, particularmente, como foi forjado o seu projeto eco-comunitário. Por outro viés, procurou-se, a partir da própria identidade sócio-cultural que aquela comunidade foi experimentando e construindo, que envolve questões ligadas ao conceito de natureza, de poder, de comunidade, de cultura, de utopia, de luta cultural, de consumo, de convivência, de transformação social, de ecologia social e autogestão, identificar um conceito e uma prática de Educação Ambiental (EA). A pesquisa foi tomando forma, primeiramente, a partir de um esforço no sentido de construir um quadro que evidenciasse os problemas ecológicos vivenciados pela sociedade contemporânea e, nesse contexto, identificando a emergência de uma nova mentalidade ambiental no contexto dos movimentos ecológicos e dos novos movimentos sociais. Na seqüência, enveredou no debate sobre o surgimento do paradigma da vida alternativa, percorrendo a trajetória que se estende da cultura *underground* à consolidação mesmo dos novos movimentos sociais. Ato contínuo, a partir do suporte anteriormente construído, focalizou-se e analisou-se detalhadamente o processo de constituição e trajetória histórica da *Comunidad del Sur*, enquanto uma outra possibilidade de ser e fazer. E, na última parte do trabalho, buscou-se, nos quadros da constituição da Educação Ambiental enquanto um movimento, delinear um conceito de Educação Ambiental, tomado como referência para se estabelecer conexões com as práticas e os valores que sustentam o projeto *Eco-Sur* (Projeto Eco-Comunitário da *Comunidad del Sur*). Como conclusão, inferimos, a partir da noção de uma Educação Ambiental enquanto um processo de educação permanente de intervenção político-pedagógico, podendo estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã, que objetiva a transformação social, através de novas relações entre natureza e sociedade, na afirmação de uma sociedade de direitos e ambientalmente justa, que a EA no contexto daquele projeto eco-comunitário concretiza-se na seguinte perspectiva: “à medida que o grupo pauta sua experiência em valores éticos, estéticos, libertários e humanistas, respeitando a diversidade, descentralizando a prática do poder, buscando a transformação do sistema produtivo e do consumo, estimulando a solidariedade, a afetividade, cooperação e desenvolvendo a criatividade e novas formas de sensibilidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Novos Movimentos Sociais; Vida Alternativa; Comunidades; Eco-Comunidades; Ecologia Social; Autogestão; Anarquismo.

ABSTRACT

The dissertation treats about an investigation that studied a cooperative experience (ecological and integral) in Uruguai, Montevideú, called *Comunidad del Sur*. We tried give priority, in a particular way, on the scene of the latin-american metropolis, the process of constitution and development of this communitarian experience, intending detach the sources that inspire his own discourse and practice, as will as trying characterize his different stages and, particularly, analyzing how it was machinated his echo-communitarian project. By other bias, we seek, from the peculiar socio-cultural identity that the community was experimenting and constructing, which wrap questions connected to the conception of nature, power, community, culture, utopia, cultural fight, consumption, acquaintanceship, social transformation, social ecology and autoadministration, identify a concept and a practice of Environmental Education (EA). The research was taking shape, at first, from an effort in the direction to construct a scene that could make evident the ecological problems lived by the contemporary society and, in this context, identifying the emergency of a new environmental mentality in the context of the ecological movements and of the new social movements. In the sequence, maked one's way toward in the debate about the appereance of the alternative life pattern, travesing the course that goes of the underground culture to the consolidation also of the new social movements. Continuous act, from the base previously constructed, it was focalized and analyzed, in details, the process of constitution and historical course of *Comunidad del Sur*, as a other possibility of be and do. And in the last part of the work, it was seeked, in the scenes of the Environmental Education constitution as a movement, delineat a concept of Environmental Education, taken like reference to establish connections with the practices and the values which maintain the Ecosur project (Echo-Communitarian Project of *Comunidad del Sur*). As for conclusion, we infer, from the notion of a Environmental Education as a permanent education process of pedagogical political intervention, being able to be present in all spaces that educate citizens, which objective the social transformation, from the new relations between nature and society, in the affirmation of a rights society and environmentally joust, that the EA in the context of that echo-communitarian project, becomes concrete in the following perspective: "while the group makes schedules about his experience in ethical values, aesthetics, of liberty and humanity, respecting the diversity, uncentralizing the power practice, searching the transformation of the productive system and of the consumption, stimulating the solidarity, affection, co-operation and developing the creativity and new sensibility ways".

KEYWORDS: Environmental Education; New Social Movements; Alternative Life; Communities; Echo-Communities; Autoadministration; Anarchism.

Marcava já o final da primavera de 1998 quando, integrando um pequeno grupo de professores e pesquisadores vinculados à Fundação Universidade Federal do Rio Grande, organizávamos uma viagem de estudos a Montevideú, programada com a função de viabilizar um intercâmbio com docentes e estudantes do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da *Facultad de Ciencias de la Universidad de la República*.

Por indicação de uma professora uruguaia, com quem mantínhamos contato, nosso grupo conseguiu alojamento em uma comunidade e de libertários comentava Graciela, que mantinham uma *granja ecologica cercano de la ciudad*, conhecidos pela solidariedade e apoio a atividades de intercâmbios e experiências multiculturais e comunitárias.

Chegando ao lugar, conhecemos Ruben, Laura, Silvana, Pablo, Zaia, Erick, Bruno, Thomás, Mateo, Jose, Carmem, Walter e outros, herdeiros de uma experiência cooperativa integral fundada em meados de 1955, que, naquele momento empenhavam-se em consolidar uma nova fase da trajetória do grupo, o desenvolvimento de um projeto Eco-Comunitário.

E esse encontro, para nós, acabou se transformando no móvel principal daquela viagem. Foi um momento de descoberta que, a rigor, constituiu-se num divisor de águas, passando a influenciar consideravelmente na forma como olhamos para a sociedade, para o outro e na nossa visão

sobre as possibilidades de construção de um outro mundo. Interessamo-nos pela história do grupo, pelos fundamentos que sustentam o discurso e a prática da comunidade, pelos valores, projetos, pela nova sensibilidade e, principalmente, pela proposta de construção de uma *Eco-Comunidade*. Daí nasceu não só um vínculo afetivo com a comunidade, mas a idéia de constituir esta experiência num tema de pesquisa. E pouco a pouco fomos transformando esse grande campo de possibilidades num objeto de investigação, como particularizaremos adiante.

No nosso entendimento, há uma tarefa que antecede ao anúncio do delineamento do objeto de uma pesquisa, e que, a rigor, faz emergir referências que participam mesmo na conformação do próprio objeto. Referimo-nos à trajetória do sujeito que investiga. Essa posição ganha sentido à medida que partilhamos daquela noção de objeto não enquanto algo dado ou pronto, à disposição do investigador, mas sim na perspectiva que o situa como resultado de um processo de reflexão empreendida pelo pesquisador, instigado e movido pelo desejo de explicar, de compreender, enfim, de conhecer. Nosso entendimento de *constructo* vai ainda mais além, ao passo que o objeto se constituiu a partir de um encontro, de uma reflexão problematizadora, mas também se justifica ou está atrelado, em certa medida, à própria formação ou experiência do sujeito.

Assim, na nossa concepção, coloca-se como inescapável a quem investiga, remontar e refletir sobre sua própria trajetória como uma articulação válida da experiência pessoal na qual vai se forjando a condição de pesquisador, uma vez que ela também compõe as múltiplas determinações que justificam suas opções. E é por aí que avançamos nesta introdução, procurando gerar sentidos na construção do objeto desta pesquisa no contexto de um processo de construção intelectual/cultural.

Essa possibilidade de reflexão incluída aqui, em última instância, parece-nos igualmente colada a questões éticas e epistemológicas, no que diz respeito a representação e voz. Discorrer sobre a própria experiência significa refletir sobre a constituição da própria identidade, evidenciando as

representações da realidade na qual, também na condição de pesquisadores, comunicamos como vimos a nós mesmos e abrindo uma janela para que os outros possam nos enxergar pelas nossas afinidades ou dissociações.

A pesquisadora Antoinette Errante (2000) trata esta questão de identidade e voz como um *locus* da dignidade humana, uma vez que abre a possibilidade de o sujeito evidenciar sua própria experiência. Afinal, quem é esta pesquisadora que se lança a uma pesquisa desta natureza? Qual o lugar de onde fala? Com que lentes enxerga o mundo?

O início da vida acadêmica se deu em meados da década de 80, quando ingressamos na Licenciatura Plena em Matemática na Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Cursamos matemática durante dois anos. Ao longo desse período, percebemos que se processava o desenvolvimento do raciocínio lógico e dedutivo pelo estudo das grandezas e formas no que elas têm de calculável e mensurável. Não obstante, inquietava-nos muito algumas conceituações e definições trabalhadas pela matemática, passíveis de sérias contradições e objeções. Por outro lado, pairava um certo sentimento de que a matemática, enquanto campo do conhecimento, era uma área sem calor, desumanizada, o que provocou um estranhamento existencial.

Ao mesmo tempo em que passamos a conviver com essa crise, verificava-se uma aproximação e convivência muito forte com a área de humanas. E foi nessa brecha que ocorreu o primeiro contato mais íntimo com a Geografia, com um grupo de docentes, discentes e pesquisadores dessa área. E logo em seguida estivemos presentes num encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), quando se oportunizou a participação em conferências, cursos, contatos e conversas informais que acabaram revelando um “mundo novo”, com o qual nos identificamos. Foi um momento de descoberta e decisão, pois, em seguida, acabamos solicitando a mudança para o curso de Geografia.

Cursamos a graduação paralelamente a outras atividades. Trabalhamos com pré-escola e participamos, durante algum tempo, de um

grupo de estudos que se reunia, semanalmente, para discutir textos ligados à área de humanas.

Consideramos importante essa referência porque ela nos proporcionou algumas experiências de valor significativo no desenvolvimento da “cultura intelectual”. Entendemos essa “cultura intelectual”, portanto, enquanto um processo de construção, através do “vivido” e do fazer-se culto.

Atribuimos uma importância decisiva às experiências e acúmulo de conhecimentos no quadro de formação intelectual. Foram suportes imprescindíveis: ampliaram nossa visão de mundo, forneceram subsídios para a reelaboração de conceitos e auxiliaram-nos na adoção de uma nova postura diante da própria vida.

Assim se exprimiu, antes de tudo, a iniciação numa atitude de espírito, aberta e compreensiva.

Para além da percepção individual sobre a importância deste empirismo, utilizaremos as palavras de Henri-Irénée Marrou que, com precisão de linguagem, também aponta valor e significação às experiências dessa natureza, considerando a reflexão acumulada sobre a experiência de vida no amadurecimento de um intelectual. Comenta Marrou:

“(…) quanto mais inteligente, culto, rico de experiência vivida, aberto a todos os valores do homem ele for, tanto mais se tornará capaz (...) tanto mais suscetível de riqueza será o seu conhecimento.” (1978, p.190).

Consideramos os dois primeiros anos de graduação um período de reconhecimento do campo da Geografia. Nessa fase, familiarizamo-nos com a literatura clássica da Geografia Brasileira (Pierre Mombeig, Manoel Correia de Andrade, Milton Santos, Rui Moreira, José William Vesentini, Antonio Carlos Robert Moraes, entre outros) e francesa (Vidal de la Blache, Yves Lacoste, Henry Lefebvre, Alain Lipietz), além da alemã, com Ratzel.

À parte das contribuições, sugestões, indicações e lições valiosas desses autores, cada um a seu tempo, estudiosos de diferentes áreas iam

aparecendo como referências igualmente importantes. Entre eles, um historiador, em particular, recorrentemente citado e ocasionalmente estudado na geografia, constituiu-se numa indicação muito presente na nossa formação naquele momento: Fernand Braudel.

A aproximação com Fernand Braudel ocorreu via sua obra mais famosa. Referimo-nos ao épico *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II*.

Essa obra apresenta-se como uma referência especial para a geografia à medida que o núcleo central do estudo é a “história do homem em relação ao meio ambiente”, uma espécie de geografia histórica, ou, como Braudel preferia denominar, uma “geo-história”. Braudel devota as quase 300 primeiras páginas do livro “a geo-história”, descrevendo montanhas e planícies, litorais e ilhas, rotas terrestres e marítimas e trata de analisar regiões com o objetivo de demonstrar que todas as características geográficas são partes da história, e que tanto a história dos acontecimentos quanto a das tendências gerais não podem ser compreendidas sem ela, ou seja, tornando consciente a importância do espaço na história. Essa mesma obra trouxe à tona conceitos sobre os quais a geografia acabaria se debruçando.

A segunda metade do curso de graduação em geografia foi um período muito fecundo, caracterizado essencialmente por leituras mais densas, notadamente no terreno da Geografia Crítica, pela participação efetiva em debates e seminários, e pela busca de aproximação com professores e pesquisadores que já possuíam uma certa trajetória intelectual, independente da especialização, e fazendo dessas experiências um ponto de referência, quando procuramos manter o diálogo e a troca de informações.

Em decorrência de um certo amadurecimento, esse foi o momento em que começou a se processar algumas vinculações teórico-metodológicas como diretrizes para o estudo da Geografia. Aproximamo-nos, assim, dos pressupostos conceituais da Geografia Crítica, os quais propõem uma postura “crítica” frente à realidade, frente à ordem constituída. Sensibilizamo-nos por este caminho que defende a transformação da realidade social, pensando seu

saber como uma ferramenta desse processo. Posicionamo-nos ao lado deste viés que pensa a geografia também a partir do seu conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma disciplina militante, que lute por uma sociedade mais justa. É uma postura que critica o empirismo exacerbado da geografia tradicional (que manteve suas análises presas ao mundo das aparências e da fundamentação positivista) e que aponta para a relação entre a geografia e a superestrutura da dominação de classe na sociedade capitalista.

As vinculações teórico-metodológicas nunca implicaram uma postura de enrijecimento ou determinismos rigorosos e dogmáticos. Apenas reconhecemos na Geografia Crítica e no seu entorno incontestáveis enriquecimentos devidos pelo pensamento geográfico contemporâneo.

Como prática que se iniciou com o ciclo da graduação, participamos, ato contínuo, de inúmeras atividades de extensão – extracurriculares –, desenvolvidas não só no campo da geografia, mas também fora dela.

Essa rotina, além de ter se constituído em elemento essencial na perspectiva de uma educação continuada, auxiliou-nos no desenvolvimento e aperfeiçoamento de algumas habilidades importantes ao exercício do ensino e da pesquisa: a fala, a escrita, a observação, a percepção, o espírito crítico.

Com a conclusão da graduação, nosso desejo imediato foi o de realizar um curso de pós-graduação.

A primeira oportunidade ocorreu em 1993. Estando residindo circunstancialmente na cidade de Assis, interior de São Paulo, ingressamos no Mestrado em História da Universidade Estadual Paulista – UNESP –, na condição de aluna especial, onde cursamos a disciplina *Tópicos Especiais: utopias e mitos na História*, ministrada pelo Professor Leon Pomerantz.

Essa incursão em outra área do conhecimento representou um avanço intelectual significativo. A experiência exigiu, de imediato, superar alguns problemas que se apresentaram. Trabalhar com a História enquanto

disciplina especializada, em nível de mestrado, significou a compreensão de suas regras, objetivos, sua linguagem interna, seu movimento, deslocamentos e rupturas.

Já no ano seguinte, ou seja, em 1994, estávamos de volta à cidade do Rio Grande. Nesse mesmo ano, o Departamento de Biblioteconomia e História da Universidade do Rio Grande abriu um processo de seleção para um curso de especialização em História – *Lato Sensu* –, tematicamente centrado no mote “Sociedade, Economia e Política do Rio Grande do Sul”. Concluímos o referido curso sem maiores dificuldades e com soma intelectual positiva, mesmo porque as referências anteriores proporcionaram um suporte considerável na especialização.

Nossa primeira experiência como professora ocorreu em 1992, no ensino médio. Trabalhamos com a Geografia Humana e Econômica durante o estágio que realizamos no Colégio Estadual Getúlio Vargas. Naquela oportunidade, desenvolvemos conteúdos em torno da desestruturação do leste europeu e da nova ordem mundial que então se esboçava. Foi uma experiência extremamente positiva que se desdobrou sem maiores complicações, uma vez que já estávamos familiarizados com o ambiente de uma sala de aula.

No ano seguinte, em 1993, estando residindo temporariamente no interior paulista, participamos de um processo de seleção para a rede estadual de ensino. Obtendo aprovação, trabalhamos durante todo aquele ano na E.E.P.S.G. José Gonçalves de Mendonça, Escola Estadual inserida no projeto “Escola Padrão”, localizada na cidade de Maracá. Essa foi uma experiência completamente nova à medida que a condição de “Escola Padrão” proporcionava uma infra-estrutura material e humana de primeira linha, da qual a escola pública convencional não dispunha. Exercemos a docência em turmas do então 2º Grau (do 1º ao 3º ano, incluindo o curso técnico de “Açúcar e Álcool”), com acesso a uma boa biblioteca – atualizada – e a uma oficina pedagógica de apoio.

Os objetivos e propostas da escola eram definidos coletivamente em reuniões que se orientavam pelo princípio da interdisciplinaridade. Oportunizavam-se, periodicamente, trabalhos de campo com os alunos para vivenciar a realidade e os problemas da agricultura regional, bem como para conhecer as grandes usinas de açúcar e álcool (abundantes naquela região) e tomar contato com os problemas gerados pelas queimadas na agricultura e também com os problemas urbanos do oeste paulista.

Foi uma vivência marcante pelas excelentes condições materiais de trabalho proporcionadas aos professores (o que só se verificava nas ditas escolas padrão) e, principalmente, pela prática coletiva da escola na elaboração do seu projeto político pedagógico.

Já em 1996, integramo-nos à equipe de docentes do “Centro de Atenção Integral à Criança da Cidade do Rio Grande (CAIC)”, como professora municipal concursada. Ali, trabalhamos com o ensino da geografia voltada para alunos de primeiro grau, enfrentando uma realidade social desafiadora. Quando lá chegamos, ficamos frustrados com o destino dado ao Projeto Ágora e, o que nos parecia uma perspectiva extremamente promissora, uma relação mais íntima do ensino fundamental com a Universidade, fator que poderia gerar um importante campo de observação e troca nas relações entre Teoria e Prática, revelou-se-nos inócua.

O gradual envolvimento com o campo da cultura e da Educação Ambiental acabou nos levando a desenvolver nossas atividades junto à Unidade de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, onde trabalhamos até o presente momento.

A partir de 1998, assomamos a essa experiência com o ensino fundamental uma outra vivência, pois passamos a atuar paralelamente no ensino médio, na rede pública estadual, trabalhando com a realidade (dilemas e desafios) do ensino noturno.

No processo de formação acadêmica, passamos, igualmente, pela experiência da pesquisa. Essa vivência marcou nossa trajetória e foi

fundamental à medida que assentou a idéia de que ensino e pesquisa não são processos dicotômicos, mas, ao revés, podem se informar permanentemente.

A primeira experiência de pesquisa esteve ligada ao Programa de Iniciação Científica. Como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), durante o ano de 1991, integramos ao projeto que estudava o desenvolvimento urbano da cidade do Rio Grande nos quadros da República Velha, a partir das amplas questões que giram em torno do mote "Cultura e Cidades".

O envolvimento com esse projeto nos proporcionou a possibilidade de usar os dados coletados e as análises realizadas no trabalho desenvolvido em sala de aula, no ensino de 1º grau (CAIC), como indicadores comparativos em relação à atual condição urbana local.

À guisa de exemplo, podemos mencionar um trabalho teórico/prático realizado com alunos de 6ª e 7ª séries que, utilizando-se de fotografias da cidade, originalmente produzidas no início do século, puderam analisar qual foi o sentido da evolução urbana no município no último século. O resultado foi surpreendente. Certamente, o trabalho com questões concretas, mais próximas dos alunos, facilitou o desenvolvimento da atividade, bem como o uso de métodos alternativos de ensino envolveram de forma mais efetiva os alunos.

Essa experiência de pesquisa, além de propiciar um amadurecimento no trato dos processos atinentes à própria pesquisa, no âmbito dos métodos e técnicas, contribuiu na emergência de um outro conceito de pesquisa, aquela do tipo que fomenta as práticas coletivas, voltada para realidades mais próximas e com um poder forte de fazer pensar sobre o nosso próprio tempo.

O passo seguinte nesse processo de formação e aprimoramento acadêmico desembocou, naturalmente, na realização de um Curso de Mestrado. Entendíamos que um curso de pós-graduação *strictu sensu*

constituía-se num momento privilegiado de debates guiados por questões teórico-metodológicas pontuais, bem como pela idéia de que desafiaria o aluno a selecionar um tema, a construir um conjunto de problemas pertinentes em torno do objeto de estudo, a propor hipóteses possíveis para a apreensão e esclarecimento do objeto, a definir variáveis para execução e discussão do mesmo, assim como de selecionar evidências e dados para compor um texto dissertativo.

Para nós, o desafio e aprimoramento residiam na perspectiva de que esse processo exigiria disciplina, um conhecimento bibliográfico no mínimo razoável, muita leitura, domínio de técnicas (qualitativas e quantitativas) e de outras línguas, orientação, discussões, seminários e um trabalho permanente de ordenação e sistematização de idéias. O mestrado, portanto, na nossa concepção, constituiria-se numa oportunidade efetiva de crescimento e amadurecimento intelectual.

Com essa perspectiva vislumbramos a oportunidade de ampliarmos nossa experiência intelectual através do Curso de Mestrado em Educação Ambiental. E a justificativa dessa nossa opção já estava bem costurada a essa altura. Vejamos.

Com o processo de degradação do meio ambiente de forma permanente e progressiva, situação que vem se agudizando ao longo dos séculos, principalmente a partir do momento em que o capitalismo se impõe como modo de produção dominante, o mundo vem se defrontando com problemas ambientais que se tornam cada vez mais complexos.

Ao se constituir e reproduzir, a modernidade induziu a sociedade ao ideal de progresso constante e atribuiu à natureza o papel de sustentáculo desse desenvolvimento desenfreado. Como conseqüência desse movimento, a civilização ocidental como um todo foi conduzida à condição atual de questionamento do próprio desenvolvimento que ela criou, uma vez que estava colocando em xeque a sobrevivência e o futuro da sociedade, pois no planeta Terra, nesta "grande nave espacial que compartilhamos", existem condições para a vida e recursos que, no entanto, podem vir a ser rompidos,

pois as ameaças eminentes colocam-se como os grandes problemas do século XXI, tais como: - os desmatamentos e os riscos de elevação da temperatura pelo “efeito estufa”; - o aumento do buraco da camada de ozônio; - o gigantismo urbano e os problemas ambientais (e sociais) a eles interligados; - a desertificação em certas áreas (por exemplo, ao sul do Saara), situação que contribui para agravar as fomes endêmicas; - a extinção de inúmeras espécies vegetais e animais; - a poluição crescente dos oceanos e rios; - a contaminação de alimentos por agrotóxicos; - o perigo de catástrofes “acidentais” devido à multiplicação atual e ao aperfeiçoamento contínuo dos armamentos, etc..

Tais questões, tão candentes como temáticas, e objetos de análise estão desafiando os mais diferentes ramos do conhecimento na busca de reflexões, respostas e alternativas, uma vez que a própria existência humana na Terra está em jogo.

No contexto dessas questões que apontamos acima, é possível identificar uma relação muito íntima entre a problemática ecológica e a geografia. Diria mesmo que a problemática ambiental perpassa toda a geografia. Desde os seus primórdios, uma de suas mais importantes “razões de ser”, em nível científico, é a de analisar as relações sociedade-natureza, embora na prática essa promessa tenha ficado em segundo plano, face à especialização de cada modalidade do discurso geográfico: climatologia, geomorfologia, geografia agrária, da população, etc..

Nesse sentido, portanto, constituiu-se o primeiro vínculo que justificava nossa opção pelo Mestrado em Educação Ambiental.

Por outro lado, a natureza da problemática ambiental é tal que ela acaba por se impor e torna-se um dilema a ser pensado em conjunto com as perspectivas de futuro social. Ela se desdobra e se reinventa permanentemente. Isso implica, a qualquer pesquisador que pretenda investigar objetivamente, limites ao ideal de progresso e à própria noção de consumo e necessidades, que vise estudar os limites, significados e perspectivas da questão ecológica, assumir uma postura de reflexão ampla,

aberta e transdisciplinar sobre o problema, para melhor apreender os múltiplos fatores que a determinam e a movimentam.

Destarte, situa-se aí uma outra circunstância que nos impulsionou para o campo da Educação Ambiental. Não encarávamos apenas como desafio o fato de trabalhar com uma área do conhecimento que iria nos exigir tal esforço intelectual, mas como uma excelente oportunidade de amadurecimento, em função das exigências que implicava.

Assim a opção ia se materializando em intenções de pesquisa que íamos constituindo. Chegamos a fazer algumas incursões investigativas sobre o tema das Organizações Não-Governamentais, conhecidas como ONG's, ligadas à defesa do meio ambiente no estado gaúcho, o que nos levou a pensar em estudar o perfil dessas organizações (através das inovações e recorrências do discurso), avaliando as suas práticas, as formas como constroem identidades, como criam os espaços coletivos de reflexão, de debate, como formulam seus objetivos e elaboram suas estratégias, auscultando o papel que assumem na perspectiva de uma Educação Ambiental para a cidadania e na construção de práticas democráticas. Noutra direção, pensamos mesmo em estudar canções que, já nos anos de 1960/1970 expressavam a necessidade de o homem estabelecer um novo pacto com a natureza, mesmo antes do mote "meio ambiente" estar presente tão espraidamente na sociedade. Vamos lembrar:

"Terra, és o mais bonito dos planetas/tão te maltratando por dinheiro/tu que és a nave nossa irmã/canta, leva tua vida em harmonia/e nos alimenta com seus frutos/ (...) vamos precisar de todo mundo/um mais um é sempre mais que dois/pra melhor juntar as nossas forças/é só repartir melhor o pão/é criar o paraíso agora/para merecer quem vem depois." (BETO GUEDES).

Mas essas intenções não chegaram a se transformar em projetos concretos de investigação. De um lado, porque a idéia de estudar a *Comunidad del Sur* apresentava-se com maior vigor, estando ligada ao nosso desejo. Por outro, porque percebemos que haviam algumas confluências entre os temas. A trajetória da comunidade revelava uma prática muito ligada

aos temas cooperativas, movimentos alternativos, associações e trabalhos coletivos com organizações não-governamentais (como a REDES-AT, *Red de Ecologia Social – Amigos de la Tierra*. Grupo este cuja criação foi estimulada no âmbito da própria *Comunidad*). Composições musicais que expressavam conteúdos ligados à questão da natureza ou ecológico-ambiental no período de 1960/1970, estavam atravessadas, de certa forma, pelas noções que embalsamaram o movimento de contracultura (alternativo) naquele momento, circunstâncias essas igualmente presentes na história da comunidade.

Assim, quando ingressamos no Curso de Mestrado, já havíamos definido o tema do nosso projeto de pesquisa, e a partir daí, passamos, pouco a pouco, a particularizar nossos objetivos, pensando a problematização de forma contínua, uma vez que abrimos espaço para incorporá-la à própria experiência da pesquisa em curso na construção do objeto, permitindo que os indícios que emanavam dos dados coletados fossem interlocutores privilegiados a apontar caminhos.

No conjunto das inúmeras possibilidades de pesquisa que emergiram, circunscrevemos nosso esforço de investigação numa composição de problemas ou questões-chave, partindo de perquirições mais gerais, e ao mesmo tempo indispensáveis para entrelaçar com questões atreladas mais propriamente ao campo da Educação Ambiental.

Em torno do mote, portanto, buscamos analisar, no contexto de uma metrópole latino-americana, a cidade de Montevideu, o processo de emergência e desenvolvimento da experiência cooperativa ecológica integral da *Comunidad del Sur*. Numa outra direção, procuramos identificar as matrizes do discurso e da prática desse grupo comunitário, atentando para as questões vinculadas ao seu modo cultural de viver, envolvendo os valores, conceitos e práticas, e os meios pelos quais estabelecem interação com o contexto social mais amplo. Numa outra perspectiva, intentamos analisar a experiência da *Eco-Comunidad del Sur* como uma experiência de Educação Ambiental, procurando verificar o seu alcance e difusão no corpo social, analisando como ela influencia na formação de cidadãos crítico-

transformadores da realidade instituída, intentando desvelar como contribui na emergência de uma mentalidade ambiental, e procurando avaliar ainda as potencialidades dessa experiência enquanto uma alternativa capaz de contribuir na superação da crise ecológico-ambiental que a sociedade contemporânea atravessa.

Como apontamos linhas atrás, fomos situando o objeto num campo de possibilidades, particularizando a problematização ao passo que a pesquisa se constituía. Essa posição, no que se refere à problematização, informou igualmente nossa postura quanto à teoria e ao método. A rigor, situamos nossos referenciais de investigação numa condição de um certo distanciamento daquela herança cientificista que valoriza sobremaneira procedimentos apriorísticos adotados antes da própria pesquisa se encaminhar, como condição capaz de conduzir ao conhecimento e garantir o padrão científico sem, no entanto, prescindirmos desses elementos norteadores. Ao revés, assentamos os referenciais desta pesquisa num processo permanente de reflexão, onde problematização, teoria e método são objetos da ação contínua do pesquisador.

Nesse sentido, podemos dizer que tomamos então o tema enquanto um campo de possibilidades, com algumas inquietações gerais como ponto de partida e pensando nas conexões que seriam possíveis estabelecer com a Educação Ambiental. Seguiu-se um processo de afinamento dos problemas, referenciado pela própria vivência na investigação e buscando uma interação entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado; entre teoria e prática; entre o pensar e o agir.

Esse entendimento de problematização nos remeteu à questão da teoria e do método.

Na esteira dessa perspectiva, só poderíamos encarar teoria enquanto um fazer-se permanente. Partimos do princípio de que não seria possível adotar conceitos abstratos, produzidos fora do diálogo com os dados coletados. Colocamo-nos na condição de que o pesquisador é capaz de pensar a teoria, de elaborar conceitos no processo de explicação, pois as

evidências participam (de) e contém essa explicação, o que significa dizer que teoria e evidência se determinam mutuamente.

Mas em função da natureza do nosso objeto, de algumas leituras introdutórias, de interlocuções e mesmo já da percepção que desenvolvíamos e das ligações e redes que conseguimos estabelecer no início da pesquisa, alguns conceitos emergiram logo no princípio de forma muito natural.

Na análise que fazíamos àquela altura, seria inescapável refletirmos sobre novos movimentos sociais, utopia, vida alternativa e eco-comunitarismo. E, à medida que a pesquisa avançava, confirmava-se essa tese. E mais, percebíamos que essas categorias estavam ligadas a pontos de interdependência entre si. Fomos construindo essas referências no diálogo entre os indícios presentes nas fontes que manuseamos e a literatura especializada.

Interessante mencionarmos que, em algumas situações, uma bibliografia já bastante conhecida e disponível facilitou nossa tarefa. A reflexão sobre os novos movimentos sociais é um bom exemplo. Além da considerável produção sobre a temática/problemática dos movimentos sociais, disponível nos textos originais dos estudiosos da área, foi possível contar com trabalhos de síntese de excelente qualidade. Mas nossa opção foi tomar como referência a obra *Teoria dos Movimentos Sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos*, escrito por Maria da Glória Gohn (2000).

Noutro sentido, encontramos escassa bibliografia sobre algumas categorias, particularmente sobre Eco-Comunidades. Em língua portuguesa, praticamente nada, o que provavelmente se justifica pela atualidade do tema. O livro de Sírío Lopes Velasco, *Ética de la Liberación* (2000), constituiu-se numa referência e interlocução importante (como ponto de partida). Velasco trata do Eco-comunitarismo enquanto uma nova possibilidade civilizacional e, nossa pesquisa, por sua vez, recai sobre uma experiência eco-comunitária concreta, em processo de construção.

Acreditamos que, à medida que o texto se constituiu, conseguimos ir delineando o referencial teórico no qual se assenta essa investigação, mas reconhecemos que, por vezes, não conseguimos contornar hiatos encontrados no caminho, em função mesmo das nossas limitações.

Essa concepção sobre problematização e teoria nos contornos como apontamos acima, levou-nos a definir o método enquanto algo dinâmico, que envolve todas as opções e decisões do pesquisador ao longo do processo de investigação, desde a construção do objeto (particularização dos problemas), passando pelo encaminhamento da pesquisa propriamente dito, o que envolve técnicas de coleta de dados, de análise, desembocando mesmo na estruturação e redação final do trabalho. Em síntese, envolve todo o processo de reflexão sobre os caminhos da pesquisa e vai se constituindo passo a passo, fruto da própria experiência que o investigador vai construindo, fruto do diálogo entre teoria e evidências.

No que concerne ao encaminhamento da pesquisa, realizamos um trabalho prévio de rastreamento bibliográfico, procurando localizar e selecionar títulos relacionados ao tema central. Quando possível, o levantamento foi feito diretamente no acervo de bibliotecas, principalmente universitárias, tentando recuperar a informação por título ou tema, ou nos bancos de dados, ou ainda realizando diretamente a leitura de estante, principalmente quando o alvo era os periódicos, ou por meio de catálogos de cursos de pós-graduação no país e, eventualmente, usamos o recurso da internet.

Para o registro e anotação dos dados identificados já a partir dessa fase, organizamos um fichário de pesquisa, pois proporcionaria uma maior objetividade e organização do trabalho. Esse fichário foi subdividido em três seções: fichário de bibliografia e conteúdo teórico; fichário de bibliografia e problemas específicos sobre o tema e fichário de conteúdo dos dados recolhidos. Em cada seção do fichário, classificamos o material selecionado por assunto, tipo, etc., de maneira a facilitar o andamento das tarefas.

O rastreamento resultou na reunião, em termos gerais, de um conjunto bibliográfico que se constituiu num suporte razoável, mas quase sem expressão no atinente a títulos com vínculos mais específicos ao tema central.

Em termos de artigos, encontramos uma única referência mais significativa. Sob o título “Comunidade da nova era no Planalto Central: utopia, ideologia e reafirmação da ordem” (2001), cujo autor, Aico Sipriano Nogueira, analisa a constituição de uma comunidade alternativa no planalto central do Brasil, a partir do que se convencionou chamar de “novas formas contemporâneas de sociabilidade”. Com o suporte de algumas categorias conceituais, o texto sugere a possibilidade de se pensar a vida alternativa enquanto expressão, ao mesmo tempo, do pensamento conservador e da possibilidade de construção do novo.

No que tange à produção intelectual vinculada aos programas de pós-graduação, registramos dois títulos. Uma dissertação de mestrado em sociologia desenvolvida na USP, escrita pelo mesmo autor do artigo mencionado acima, texto aquele, aliás, síntese desse trabalho: *FraterUnidade – estudo de uma experiência de comunidade alternativa no Planalto Central do Brasil* (1996). A segunda, igualmente uma dissertação, na área da administração, intitulada *Comunidades do movimento alternativo: uma perspectiva autogestionária*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1989.

Sobre o tema comunidade, o levantamento que realizamos igualmente revelou alguns poucos trabalhos. Um clássico publicado no final da década de 40, numa versão em língua espanhola, *Comunidad y Sociedad*, de Ferdinand Tönnies. Encontramos textos e discussões mais recentes. O livro de Benjamin Zablocki, *The joyful community*, editado pela The University of Chicago Press em 1980. E o trabalho do conhecido Martin Buber, *Sobre comunidade*, publicado em 1985 pela Editora Paz e Terra.

Resta-nos, ainda, salientar que fomos identificando, nessa fase de rastreamento, por percepção, pelo aprofundamento da pesquisa e mesmo por constatação, um conjunto de títulos que aborda a relação utopia-anarquismo-

ecologia-comunidade. Reconhecemos como uma tradição literária inspirada pela herança pelo pensamento libertário, com produção abrangente. Ao passo que investíamos na convivência com a comunidade e no trabalho de coleta de dados, percebíamos que esses textos apareciam como referência, muitas vezes, tomados como inspiração na construção daquela experiência comunitária.

Na verdade, não visitamos todas aquelas obras. Limitamo-nos a duas indicações que foram mais recorrentes: o clássico *Da ecologia à autonomia*, de Castoriadis & Cohn-Bendit (1981), e o livro denominado *Por una sociedad ecologica* (1979), de Murray Bookchin. E obrigamo-nos a abrir mão das reflexões de Gorz e Bosquet, em *Ecologie et Politique*, pela nossa limitação em relação à língua francesa, apesar das insistentes referências feitas a esses autores.

Numa das inúmeras visitas ao *Editorial Nordan*, na *Calle Millán*, em Montevideu, Ruben Prieto, um dos fundadores da *Comunidad del Sur*, comentou que Cornelius Castoriadis esteve ali, sentado naquela mesma cadeira que por ora ocupávamos. Naquela oportunidade, disse Ruben, refletiu e compartilhou suas idéias também sobre o que pensava de novas formas de ser e de fazer no mundo, bem como sobre a experiência comunitária daqueles *porfilados orientales*. A declaração reforçava os indícios e notas que encontrávamos àquele autor. Castoriadis como referência, como inspiração e mesmo interlocutor.

A segunda fase da pesquisa consistiu propriamente no trabalho de campo, envolvendo períodos de convivência, primeiro como forma de sermos reconhecidos pelo grupo (e reconhecermos) para, a partir daí, definirmos as técnicas de coleta de dados mais pertinentes ao enfoque que particularizamos. No entanto, a primeira questão a ser equacionada residiu na distância que separa Rio Grande de Montevideu, o que nos obrigou a estabelecer uma estratégia capaz de dar conta, ao mesmo tempo, dos nossos compromissos profissionais. Assim, acabamos concentrando os períodos de permanência na comunidade vinculados aos nossos recessos escolares de inverno e verão,

distribuídos da seguinte forma: julho de 2000 e 2001; de dezembro de 2000 a fevereiro 2001; fevereiro de 2002.

Em função da natureza do objeto proposto, a fase que seguiu, a de coleta de dados, colocou um problema logo no início. Uma vez que atribuíamos, em certa medida, um enfoque original à pesquisa, a escolha das técnicas de coletas mereceu uma atenção diferenciada tanto pelo reflexo na objetividade e organização do trabalho, quanto pelo cunho qualitativo que pretendíamos imprimir. O problema levou a reflexão sobre as possibilidades e, pela especificidade, nossa coleta de dados conjugou a Técnica de Coleta de Documentos, a Entrevista Aberta e a Observação Participante.

Pelo contato direto e convivência que estabelecemos com a comunidade, a observação participante se colocou como uma abordagem qualitativa e técnica indispensável no trabalho de campo. Com esse recurso, que se caracteriza pela interação social entre o pesquisador e os informantes no meio destes últimos, procuramos “obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (NETO, 2001, p.59).

A observação participante auxiliou nossa adaptação junto ao grupo, primeiro como mecanismo de atentarmos para as formas rotineiras de comportamento dos integrantes da comunidade para, a partir daí, apagarmos a imagem de “estranho” e alcançarmos a naturalidade e a conquista da aceitação pelo grupo.

O recurso da observação foi fundamental para definirmos mesmo a forma da coleta documental e os entrevistados. Todos os dados pertinentes aos problemas da pesquisa e vários outros tipos de indícios observados foram anotados num diário de campo, ou de bordo, como preferimos chamar. A convivência com o grupo também foi registrada através de fotografias, gerando um material imagético que nos auxiliou na recuperação de informações, e que usamos nesta pesquisa como fonte e como ilustração. Esse material, posteriormente, foi um dos que mais usamos na organização, análise e redação do texto final.

No que se refere à Coleta de Documentos, procuramos localizar e reconhecer registros que explicitassem não só o processo de constituição e trajetória da *Comunidad del Sur*, mas que igualmente viabilizassem a análise e ilustrassem as circunstâncias, práticas, valores, enfim, a dinâmica do próprio grupo nas linhas que intentamos particularizar neste estudo.

No tratamento dado aos documentos, atentamos para algumas precauções, observações presentes na literatura que aborda essa técnica de coleta de dados: a) para a consciência de que os documentos expressam objetivos particulares, não necessariamente respondendo diretamente às questões-chave formuladas; b) reconhecimento de que “os documentos expressam representações que foram intencionalmente postas a público e podem esconder, omitir ou disfarçar fatos que aquele que os elaborou não gostaria de divulgar” (CORTES, 1998, p.25); c) para o fato de que eventualmente, por diferentes motivos, o documento pode conter erros não intencionais.

A cada período de permanência na comunidade, desenvolvemos um trabalho de heurística, pois o material encontrava-se disperso, sendo que as investidas resultaram na reunião de documentos de variada natureza, incluindo periódicos, livros, folhetos, artigos, fotografias, manifestos e correspondências. Organizamos e selecionamos o material em correspondência com as questões-chave que delineamos, cujo conjunto apresentamos e tipificamos abaixo.

- a) Documento Avulso. *Comunidad del Sur* – Jornadas de Trabajo. Montevideú, fevereiro de 1968, 47p. Texto que documenta os resultados de uma jornada de trabalho com o fim de avaliar a experiência da *Comunidad del Sur* até o ano de 1968. Temas discutidos no referido documento: *resumen de jornadas anteriores; descripción y evaluación para el año de 1967 (aspectos de la producción; estado de situación, análisis y crítica; equipo industrial; equipo humano; análisis de la producción; conclusiones generales; otros aspectos); proyección para el año*

de 1968 (*producción; aspectos sociales; aspectos económicos; aspectos organizativos*); *militancia (relaciones internas; relaciones externas; biblioteca; apoyo a otras experiencias; conclusiones)*.

- b) *Revista Comunidad* – publicação bimensal da *Comunidad del Sur* (coleção completa, de 1977 a 1990, incluindo os primeiros números editados em Estocolmo, na Suécia, durante o exílio).
- c) *Revista Tierra Amiga* – publicação mensal publicada por *REDES-AT Red de Ecología Social, Amigos de la Tierra*. (coleção incompleta, de 1993 a 1995).
- d) *Revista Relajo (Revista LatinoAmericana de Jóvenes)* – publicação trimestral de informação e divulgação da *Red Juvenil LatinoAmericana* por um desenvolvimento sustentável, trata de temas da ecologia, direitos humanos e desenvolvimento. (coleção incompleta, de 1994 a 1997).
- e) Documento Avulso. *Agenda Ya Wananchi – Raíces del Futuro. Programa de acción de los ciudadanos para la década de los 90. Editado por Pacto Acción Ecológica de América Latina em colaboración com REDES, Amigos de la Tierra*. Montevidéo, 1992.
- f) *Jornal El País. Cuaderno Ciudades. Agosto de 2000. Número dedicado a Comunidad del Sur, intitulado "Pastores de la Utopía"*.
- g) Coletânea de folhetos, manifestos e material de divulgação produzido pela *Comunidad del Sur* (período entre 1989 e 2000).
- h) Material Iconográfico que integra o acervo da *Comunidad del Sur*.

No que tange à entrevista, optamos pela do tipo semi-estruturada, que se caracteriza como um conjunto básico de perguntas que aponta fundamentalmente para a medula que preocupa o investigador. Começamos

com um número determinado de interrogativas, que foram se ampliando à medida que novas perguntas se faziam necessárias para esclarecer as anteriores, transformando-se praticamente num diálogo que procurou construir um conhecimento relativamente comum em relação a *Comunidad del Sur*.

Tomando como referência a concepção de que a técnica da entrevista viabiliza “obter informes contidos na fala dos atores sociais” (NETO, 2001, p.57), procuramos refletir sobre as questões epistemológicas que a envolve, como nos cercar de procedimentos técnicos correntes, definidos no âmbito das ciências sociais e humanas.

Isto implicou, necessariamente, procurarmos validar as informações obtidas pelo cotejamento com dados oriundos de outras fontes; saber reconhecer que as respostas de um entrevistado obedece a modelos culturais interiorizados, ao mesmo tempo que é peculiar; e adotar uma postura de igualdade e comparabilidade na interação que se estabelece entre pesquisador e entrevistados.

Realizamos oito entrevistas no conjunto, que foram transcritas. Na nossa avaliação, pelo volume e riqueza que as entrevistas expressam, o material pode se constituir em fonte para inúmeras outras pesquisas, envolvendo história de vida, ou mesmo estudando movimentos sociais no Uruguai, bem como pesquisando os anos da Ditadura, a resistência e o exílio, e a concepção e prática pedagógica do grupo.

Faz-se necessário ressaltarmos – e a própria estrutura que adotamos no trabalho revela – que, ao fim e ao cabo, pela dinâmica que a pesquisa foi incorporando e pela riqueza do material coletado, que constitui, portanto, o *corpus documental* da pesquisa, usado fundamentalmente como suporte para esta investigação, os documentos e o diário de bordo. As entrevistas foram, a rigor, corroborando as evidências provenientes daquelas outras fontes. Seguir as informações novas que emergiam nas entrevistas significava, na verdade, abrir outras frentes na pesquisa, o que implicava uma outra investigação.

Gradualmente fomos organizando o material, procedendo a leitura, a seleção, a análise e definindo as estratégias de apresentação do trabalho, possivelmente a fase mais angustiante, pela necessidade de recortes e pelas dúvidas inerentes.

Em termos expositivos, estruturamos o trabalho em cinco seções principais, algumas desdobradas em seções secundárias, em correspondência ao desenvolvimento do tema.

A primeira seção, de caráter geral, intitulada "A crise ambiental-ecológica contemporânea: os indicadores e suas implicações, as origens e a emergência de uma nova mentalidade ambiental", registra o intento de construção de um quadro de referências que evidencie os problemas ecológicos vivenciados pela sociedade contemporânea, procurando identificar sua origem, discutindo suas implicações, no que tange à própria vida no planeta, e analisando, como decorrência dos dilemas e desafios atuais, a emergência de uma nova mentalidade ambiental no contexto dos movimentos ecológicos e dos novos movimentos sociais, bem como pontuando experiências de desenvolvimento alternativo ao modelo sócioeconômico e político-cultural vigente.

A segunda seção: "A emergência do paradigma da vida alternativa: da cultura *underground* aos novos movimentos sociais", deriva sua razão de ser e seu conteúdo da necessidade de construir uma reflexão mais ampliada sobre a emergência do paradigma das novas perspectivas, denominadas "alternativas", a partir da confluência dos temas alternativos, dos novos movimentos sociais, com os quais a experiência da *Comunidad del Sur* inescapavelmente se entrelaça.

Na terceira seção, analisamos e caracterizamos o processo mesmo de gênese e desenvolvimento dessa experiência comunitária, ao longo do arco histórico que se estende de meados da década de 50 aos dias atuais, identificando cada uma das suas quatro fases, que denominamos, seqüencialmente, como: o ato fundador; a consolidação da experiência; anos de exílio; o fim do exílio e a construção do projeto *Eco-Comunidad*. Os pontos

que abordamos vão apresentando indícios fundamentais que irão explicitar as matrizes que sustentam o discurso e as práticas do grupo. Essa seção intitula-se: Uma outra possibilidade de ser e fazer: a trajetória da experiência da *Comunidad del Sur*.

A quarta seção, denominada “Educação Ambiental: a formulação de um conceito operacional”, ganha sentido e função a partir de uma revisão da constituição e desenvolvimento do movimento da Educação Ambiental, onde procuramos situar suas origens e analisar os significados que lhe foram sendo atribuídos ao longo dos anos. Depois dessa visita, buscamos delinear, no contexto da multiplicidade de abordagens que envolvem, o conceito que emprestamos à EA nesta pesquisa, qualificando-o de operacional, no intuito de estabelecermos, posteriormente, conexões com o Projeto *Eco-Comunidad del Sur*.

Na quinta e última seção, intitulada “Uma Educação Ambiental que se constitui no contexto do Projeto *Eco-Comunidad del Sur*”, fixamos nossa intenção com o propósito de explicitar os contornos e particularidades do referido projeto, evidenciando como vai tomando forma e como se materializa em práticas e ações para, ato contínuo, cotejarmos o seu conteúdo com o conceito de Educação Ambiental que desenhamos e colorimos anteriormente.

Optamos por inserir, logo após a estrutura principal do trabalho, como anexos, algumas imagens adicionais relacionadas à estrutura e/ou cotidianidade na *Comunidad del Sur*. Nesse processo de construção e apresentação do trabalho, desse ir e vir, essa seção complementar participa, também, com função complementar e conectiva, das informações e análises que propomos.

Concluindo essas indicações introdutórias, acrescentaríamos ainda que nos esforçamos no sentido de oferecer um resultado final que, em termos da expectativa acadêmica, ofereça algum tipo de contribuição ao debate sobre este vasto e profuso campo da Educação Ambiental. Para além desse desejo e esperança, podemos dizer que a pesquisa já cumpriu um dos seus

propósitos, mesmo que no nível pessoal, qual seja: ajudou-nos a enxergar o mundo com outras lentes.